

DE PORTUGAL A MACAU
FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

Ficha técnica

Título: De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2017

ISBN: 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

OS MEANDROS DA FILOSOFIA DE LIBERTAÇÃO NA OBRA DE PEPETELA: ENTRE A UTOPIA E A PROFECIA

Inocência Mata

Universidade de Lisboa / Universidade de Macau

Avenida da Universidade

Taipa, Macau, China

(+853) 8822 8915 | InocenciaMata@umac.mo

Resumo: No nosso texto, iremos analisar alguns dos meandros da filosofia de libertação na obra de Pepetela, entre a utopia e a profecia.

Palavras-Chave: literatura angolana, Pepetela, utopia, profecia.

Abstract: In our text, we will analyze some of the intricacies of the philosophy of liberation in Pepetela's work, between utopia and prophecy.

Keywords: Angolan literature, Pepetela, utopia, prophecy.

A nossa geração se devia chamar da utopia. (...) Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma.

Fala de Aníbal, o Sábio (A Geração da Utopia)

Breves considerações gerais sobre utopia

A etimologia da palavra utopia potencia uma grande complexidade semântica que por vezes baralha os trilhos interpretativos, na medida em que o termo tanto significa “lugar feliz” quanto “lugar inexistente”. Por isso, as diversas significações que se multiplicam devem-se, segundo Miguel Abensour, à diferente natureza da leitura (realista ou alegórica)¹ que se faça de Utopia, de Thomas More. Abensour considera que, se não se tiver em conta as premissas teóricas em que assentam, essas duas epistemologias de análise podem até gerar interpretações antagónicas, em vez de simples diferenças.

Para além destas duas significações, há ainda uma terceira, mais do domínio do senso comum, que a palavra suscita e que tem a ver com o desfasamento entre o projecto de mudança e a sua exequibilidade. Porém, como também sugere Miguel Abensour, este tipo de interpretação decorre da desconsideração do dispositivo textual que é Utopia, enquanto “escrita sob o signo da astúcia” (Abensour, 1990: 87).

Não obstante tal potencial multiplicidade interpretativa, o discurso historiográfico sobre a utopia operou uma dupla inscrição no seu tecido significativo e gnosiológico²: o termo designa, primeiramente, um lugar bom no futuro a que se chega por via de mudanças previstas e realizadas no presente – e esta interpretação resgata a sua significação política; por outro lado, de simples estratégia de discussão filosófica sobre a sociedade ideal e os meandros da realização do projecto, chega-se a “género literário”, em cujo limite já se situa Utopia, de Thomas More – para daí se transformar em “questão”, hipótese e caminho da política a que projectos revolucionários se vincularão. Devido aos dois tipos de leitura sobre Utopia que Abensour distingue, a realista e a alegórica, o filósofo francês aconselha a que se considere a sua forma em vez da atenção excessiva a possíveis conteúdos doutrinários ou ideológicos (1990: 85): Utopia, de

¹ Miguel Abensour, *O Novo Espírito Utópico*, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. p. 75 e ss.

² Sobre este assunto, ver Miguel Abensour, op. cit., p. 75-113.

Thomas More, é política, diz Abensour, “não porque enuncia suas proposições, teses ou temas, mas na própria efetuação do seu dizer” (Abensour, 1990: 81).

Calpe, a emblemática utopia da literatura angolana

O “percurso” da utopia, como categoria que sustenta e dá forma ideológica à escrita nacionalista, não é auspicioso, mesmo no período áureo do nacionalismo literário. Muitos poemas e narrativas curtas de celebração de um devir maravilhoso (dada a verosimilhança tópica com que era projectado) têm já, não raro, um final disfórico e, até, de descrença num paraíso vindouro. Porventura o mais emblemático texto com esta dimensão seja *Muana Puó* que, escrito em 1969, só viria a ser publicado dez anos depois, baralhando os termos temporais de uma reflexão sobre os parâmetros ideológicos da escrita da utopia. É nesse romance que surge, pela primeira vez, o topónimo Calpe, lugar que não se submete a nenhuma lógica ou limitações espaço-temporais. Isso talvez seja porque no “projecto calpiano” o espaço e o tempo são determinados pela consciência do saber e da previsão da substância do futuro, como se entrevê no seguinte diálogo:

– Quando os corvos forem derrotados, não será só aqui na montanha que o Sol será azul. Por toda a parte ele dardejará rosas sem espinhos... – dizia ele.

E ela sorria àquela verdade desejada.

– Os meninos brincarão com vento da madrugada, com ele fixando o capim à terra...

– E os morcegos comerão mel e não excrementos... – concluiu ela.

– Que maravilhoso será o mundo quando os que constroem comandarem!

Encantaram-se. (MP, 1978, p. 55)

É, pois, na obra de Pepetela que se pode verificar de forma sistemática as metamorfoses operadas no processo utópico da literatura angolana. Essa dinâmica metamórfica começa em *Muana Puó* (MP, 1969) – “romance de esperança, em que as personagens buscam uma pasárgada, isto é, um lugar de felicidade”(Mata, 2010, p. 248) – e atinge o seu zénite em *A Geração da Utopia* (GU, 1992), passando por *Mayombe* (M, 1980) e *Parábola do Cágado Velho* (PCV, 1996) e “fechando-se” em *O Quase Fim do Mundo* (QFM, 2008), embora neste romance a utopia seja entendida tão somente como “novo ciclo”, funcionando como antídoto à catástrofe provocada por uma “evolução tecnológica”, o *Feixe Gama Alfa*. É verdade que as categorias e entidades abstractas que configuram as isotopias utópicas e ucrónicas actualizadas

na escrita da utopia (mundo perfeito, com um regime comunitário e igualitário³, pasárgada, esperança, felicidade, locus regenerador da humanidade, etc.) podem ser polissémicas, dependendo do lugar teórico de onde se fala. Porém, na obra de Pepetela elas adquirem uma lógica concreta no funcionamento discursivo, vinculando-se à isotopia metamórfica da ideia de nação coesa e harmónica. E esta torna-se mesmo uma das suas singularidades, quando se pensa em seu lugar no universo ficcional angolano e no funcionamento espiralar da sua obra romanesca. A pasárgada que se buscava em tempo colonial, que mais não é do que um “futuro-passado”, foi, na “primeira fase” da obra de Pepetela (a da escrita da utopia que levou a utopia da escrita⁴), Calpe. Ainda que Pepetela afirme⁵ a dimensão aleatória e totalmente insignificante da designação desse lugar que os dois jovens anónimos buscavam em Muana Puó, é difícil não convocar, por causa da analogia fónica, a palavra grega kálpē – de que deriva a palavra portuguesa calpa, que significa urna e/ou vaso para água. Pode dizer-se, neste contexto, que

O “mundo maravilhoso” por vir reforça a contaminação semântica que a palavra grega kálpē opera no topónimo pepeteliano: afinal, o mundo que ainda não existe já existirá, simbolicamente, em falência ou contaminado por uma semântica urnária? É evidente a identificação da trama fabular desta construção alegórica com a luta de libertação nacional, fundamentada discursivamente nas suas disposições psico-ideológicas, a esperança, a utopia e a certeza. (Mata, 2010, p. 250)

Dessa ambiguidade sémica – urna (morte/passado) e vaso para água (vida/futuro) – vive também este topónimo na ficção pepeteliana: com semânticas completamente diferentes, Calpe aparece em Muana Puó, Os Cão e os Calús, A Geração da Utopia, Parábola do Cágado Velho e O Quase Fim do Mundo (cuja temática, tal como em Muana Puó, não é exclusivamente angolana). Calpe tanto é um “local de cosmogonia”, em *Muana Puó*, lugar de sonho que os dois jovens buscam, lutando contra as adversidades para atingir o cume da montanha, quanto, em *O Quase Fim do Mundo*, local de catástrofe” vivenciada por um grupo de doze

³ Note-se que a ideologia libertária prevalecente era a do igualitarismo e uma sociedade sem classes.

⁴ Sobre o jogo de palavras “escrita da utopia/utopia da escrita”, ver Inocência Mata, “Da escrita da utopia à utopia da escrita”. Lugares da utopia da escrita. In: *Ficção e História na Literatura Angolana*. Lisboa: Edições Colibri, 2010 [2011].

⁵ Conversa com o autor no dia 29 de Janeiro de 1999, durante a Homenagem do Instituto Camões, em Luanda, no Centro Cultural Português/Instituto Camões.

sobreviventes, provocada pela acção homem (Feixe Alfa Gama, uma arma criada na Alemanha por racistas fanáticos). Nestes dois romances as personagens têm de lidar com questões relacionadas com a moral e a ética, inclusive a de bens de consumo e o “uso” do conhecimento. Pelo meio, uma semântica que se vai deteriorando em cada estação, quase sempre como composição alegórica de Luanda, até cumprir o ciclo da sua destruição.

Não sendo uma ilha, nem natural nem construída⁶, Calpe era uma cidade perdida localizada, tal como Amaurota⁷, um lugar que começa por sugerir tratar-se de uma montanha em Muana Puó: “(...) religiosamente, os corvos rodavam em círculo sem ousar subir à montanha, e impedindo os morcegos de o fazer” (MP, 1978, p. 27). Depois, foi topicizada e localizada num espaço percorrido por um cão e, depois, a Caotinha, o Vale da Paz e o Lago da Última Esperança, estes dois últimos lugares situados no sopé da montanha; reaparece completamente a-geográfica como a única região que permaneceu com vida animal após a catástrofe provocada por nazis que quiserem erradicar da face da terra “tudo que seja espúrio, que traga ao espírito humano os cromossomos da ignomínia, do vício, da preguiça e da estupidez”, pela “redenção da raça branca, raça tão vilipendiada através do século XX”, como informa o narrador de *O Quase Fim do Mundo* (Pepetela, 2008, p. 341). Era interessante perceber a reversão deste processo de referencialidade histórica na obra de Pepetela, desde a ausência de topicização deste topónimo quando do seu aparecimento, em 1969, em Muana Puó, até à sua versão escatológica, de novo atopicizado, em 2008, em *O Quase Fim do Mundo*, portanto quarenta anos depois. Assim, na sua primeira semantização, em Muana Puó, Calpe surge como lugar de sonho tornado realidade, que os dois jovens buscam: a cidade ideal é aqui entendida menos como lugar de ensimesmamento, clausura e perfeição, na definição de Eduardo Prado Coelho (1990, p. 5), e mais como lugar, estado ou situação idealizada, mas “eventual”, em que as condições serão prazerosas, ou em que os humanos viveriam em harmonia. Topónimo inventado também, tal como Utopia ou Amaurota, a Calpe de Pepetela não funciona, porém, um não-lugar, sem

⁶ “A crer no que dizem, e que, aliás, em parte é confirmado pela configuração do território, nem sempre Utopia foi uma ilha. Foi o rei Utopos que dela se apoderou e lhe deu o nome (...). logo que penetrou na então península e, vencedor, se apoderou dela, ordenou que se cavasse e se cortasse um istmo de quinze milhas de comprimento que ligava a península a outras terras. Assim, o mar cercou a terra de Utopia.” Thomas More, *Utopia*, Lisboa: Publicações Europa-América, 1997 (p. 64).

⁷ “A cidade de Amaurota fica na encosta de um monte de inclinação suave e tem forma quase quadrangular”. Thomas More, *Utopia*, op. cit., p. 67.

chão nem tempo, como Amaurota, a capital da ilha moriana: apesar de ser referida como a “cidade do sonho”, é também o “mundo dos homens”. Ou melhor, pouco a pouco, era inevitável que Calpe se fosse tornando no “mundo dos homens”: cada vez mais real e, por isso, mais amargo: é o que acontece claramente em *O Quase Fim do Mundo*, em que a ideia de um mundo sem qualquer tipo de discriminação não procede, uma vez que começam a despontar os vícios de sempre anteriores à acção da Frente Nacionalista Europeia em coordenação com a Igreja dos Paladinos da Coroa Sagrada: preconceitos étnicos e sociais – o que, note-se, não deixa de constituir uma ironia da história pois a razão por que aquela parte do mundo, em África, não foi atingida por aquela arma tão letal (o Feixe Alfa Gama) deve-se ao facto de os seus autores desprezarem tanto aqueles “povos inferiores” que pensaram em não desperdiçar com eles os disparos radioactivos de tão inteligente instrumento de destruição massiva.

O imobilismo do “projecto calpiano”: a derivação profética

O facto de Calpe começar a funcionar, na obra pepeteliana, mais como projecto tópico e menos como proposta utópica (sem lugar) ou ucrónica (sem tempo), faz com que no “projecto calpiano” o espaço e o tempo sejam determinados pela consciência do saber e da previsão da substância do futuro – e é nesse sentido que essa previsão se torna profética. Com efeito, trata-se de uma previsão antecipada pelas premissas enunciadas, e não no sentido comum de uma imposição exterior à acção do homem ou uma antecipação sobrenatural. Entende-se, neste contexto, por profecia a referência ao resultado de um percurso processual de que a consequência não poderia ser outra. Isso porque as pulsões utópicas, possibilitando a conjugação de categorias díspares (como, por exemplo, o possível e o impossível, o provável e o improvável, o natural e o contra-natural), também operam como instâncias de “entendimento do real”, capazes de transformar o ilusório – afinal, o desideratum – numa função construtiva do mesmo discurso (Cordiviola, 2000, p. 293).

A “consciência de Calpe” possui, pois, exigências significantes que são direccionadas para o cumprimento do projecto social. Porém, é interessante notar que este projecto vai-se tornando cada vez mais próximo do de cidadania do que do de nacionalidade, com exigências mais de ordem cívica do que política, pelo que

se pode entrever, já em Muana Puó, a ampliação e a superação do projecto político-social – tal como em Utopia, em que a preocupação com o cívico se sobrepõe ao político, com a descrição das cinquenta e quatro cidades capitais de província como igualmente amplas, com idêntica língua, leis e instituições. E apesar de Rafael Hitlodeu resumir a igualdade entre as cidades com a “indiferenciação” entre elas – “Quanto às cidades, quem conhece uma conhece todas” (More, 1997: 67) –, o exercício da cidadania também em Utopia se maximiza em Amaurota, capital da ilha e sua principal cidade, onde se reúne o Senado e para onde “todos os anos são enviados, por cada cidade (...), três velhos, sábios e experimentados, para aí tratarem e debaterem os negócios do país” (More, 1997: 65).

Calpe, que começa por ser lugar da utopia de libertação, é também o primeiro lugar simbólico que referencia a Angola independente em vias de se tornar civitas. E isso é importante pois já então independência tinha como corolários valores e proposições que actualiza(va)m as dimensões enunciadas como propriedades do “país novo” como bem-estar, paz, tolerância, verdade, justiça, igualdade, progresso, solidariedade, fraternidade, direito à diferença até – como se vê de forma explícita nas muitas das trinta e cinco sequências narrativas que conformam, e indiciam, o registo do devir, designado como “Futuro” (em Muana Puó). Porém, isso também se lê nos discursos dos guerrilheiros encerrados no útero da floresta do Mayombe ou no discurso revolucionário de Aníbal o Sábio em A Geração da Utopia, em citação que resgato da epígrafe:

A nossa geração se devia chamar da utopia. (...) Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma.
(Pepetela, 1992: 202)

No entanto, como já foi referido, note-se que, mesmo no registo do devir, a antecipação da sua degeneração começa a perceber-se a meio da sua construção, não apenas pelas notações indiciais acima compulsadas, mas também pelas reiteradas disposições de cansaço, tédio e insatisfação dos dois agentes de Muana Puó (particularmente Ele), como ainda pela indiferença de ambos face ao processo: no final da caminhada, Ele opta por não permanecer na montanha porque a perfeição não lhe inspirava confiança. É que, com a explicitação da passagem da “cidade do sonho” para o “mundo dos homens”, a utopia começa a ser salpicada

pelo imobilismo. O que os heróis utópicos pretendem então – seja Ele de Muana Puó, Sem Medo de Mayombe, Aníbal de A Geração da Utopia, Ulume de Parábola do Cágado Velho ou até o par ambíguo, formado por Simba Ukolo, o médico/Joseph Kiboro, o ex-ladrão de O Quase Fim do Mundo que contraria a lógica da acumulação de riqueza e propõe a do bom senso – é fazer implodir o continuum da história, pois o percurso dessas personagens actualiza a ideia-síntese benjaminiana de progresso, já atrás enunciada: a de que “um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo” (Benjamin, 1994, p. 229).

A amarga consciência do futuro faz emergir os indícios de uma “nostalgia crepuscular”, no sentido benjaminiano, isto é aquela que aponta para um olhar não projectivo: é que os sinais gerados, e alimentados pelo, do tempo utópico começam a tornar-se visíveis desde Muana Puó – “(...) abandonou Calpe, seguindo para Oriente. Desistira de ir pra montanha, as bolas ultravioletas já não tinham significado”(MP, 1980, p. 148)–, para tomar formas mais trágicas, no sentido da consciencialização da personagem em cenário de completa fractura identitária, como Aníbal que se enterra na Caotinha, a Kianda que se revolta e ganha o mar, ou Ulume (protagonista de A Parábola do Cágado Velho) que, em momento de pura ascese, se vira para o seu interior e dialoga com a natureza, representada pelo Cágado, símbolo de sabedoria; mas também indícios bem realistas em O Quase Fim do Mundo, a última actualização deste topónimo, disseminando reminiscências de uma sociedade cujas relações de poder são ontologicamente de dominação (colonial ou pós-colonial), referenciando um período distópico já anunciado em A Geração da Utopia e anteriormente “vaticinado” em Mayombe. É como se, pela explosão desse continuum histórico, se neutralizasse a imobilização da nostalgia e o desaparecimento da utopia, impedindo que os sujeitos utópicos se transformassem em “criaturas de impulsos” (Mannheim): isto é, que a natureza da sua utopia contradissesse o intenso impulso emocional sensorialmente alerta ao presente e imediato (Mannheim, 1968, p. 243). Assim, tal como a indiferença que se apossou do jovem revolucionário em Muana Puó aniquilou a sua utopia, porque a sua nostalgia da montanha tinha deixado de ser projectiva, a morte de Sem Medo era uma inevitabilidade por causa da sua “esperança disfórica”, enquanto Aníbal

via no sul a sua última utopia... Até porque, informa-nos o narrador: “A fala de Aníbal tinha o relento descrente do conformismo” (AGU: 308).

Nessa percepção tragicamente lúcida, os destinos das três mais emblemáticas personagens utópicas da obra de Pepetela aproximam-se: enquanto Ele se “reconhece” um eterno morcego (MP: 126), insinuava-se a prefiguração de Sem Medo em Aníbal, duas personagens que terão destinos idênticos em tempos diferentes, colonial e pós-colonial, respectivamente. Todos reconhecem, portanto, o seu desajustamento face ao presente:

[Ele:] Não sou deste tempo! Não nasci para este mundo! Sonhei tanto com ele que, quando acordei, o mundo tinha ultrapassado o sonho, tinha-me ultrapassado. Que queres? Nada posso fazer contra o irremediável. (MP: 126)

[Sem Medo:]A mim não me vejo [na Angola independente]. Talvez noutro país em luta... quem sabe se na cadeia? Não me vejo em Angola independente. O que não me impede de lutar por essa independência. (M: 138)

[Aníbal:] Um dia terei de procurar outra baía mais para o sul, sempre mais para o sul. Será o sul a minha última utopia? (AGU: 308)

O descontentamento faz parte da ansiedade da utopia, diz Fredric Jameson (1996). A retórica discursiva dessa utopia postula essências e idealiza destinos, enquanto, por outro lado, também “reafirma a necessidade de mudança e instaura (mediante violência ou persuasão) o desejo e a obrigação de criar outros mundos” (Cordiviola, 2000: 293). É também essa a dimensão trágica da pulsão utópica. Falo de tragicidade na medida em que o agente utópico é, por um lado, marcado pela insatisfação constante (personagens como Ele e Ela, Sem Medo e Aníbal), porém com a lúcida consciência do destino. Diz Sem Medo que não é pelo facto de não saber que não chegariam ao paraíso prometido que iria recuar (M: 138). Com efeito, lembra Teixeira Coelho, que “a idealização de um estado não corresponde necessariamente, na história humana, à perfeição desejada e possível” (Coelho, 1992: 45). É neste contexto que essas personagens são marcadas pela tragicidade: são-nos no sentido em que vivem a impossibilidade de retorno mesmo que consciente, pois “o trágico reside no inexorável e no irrecorrível da situação: não há remédio algum senão carregar até o fim o dilema indestrinçável” (Moisés 2007: 254). Com efeito, Marta vaticinara, três décadas antes, o destino de Aníbal, o devir de Sem Medo: “Ou morre ou se desilude, não tem outra alternativa” (GU, p. 112) – ideia com a qual Aníbal concordaria, mais tarde: “[Marta] enganou-se numa coisa,

colocou a questão numa alternativa. Eu morri e desencantei-me. Os dois caminhos num só” (GU, p. 202). Sem Medo dissera antes, ainda nas matas do Mayombe, que não era pelo facto de saber que não chegariam ao paraíso prometido que recuaria (M, p. 138)...

Concluindo este exercício: filosofia da libertação ou ideologia libertária?

Do Mayombe à Caotinha os caminhos da distopia vão disseminando ecos da memória histórica sobre a perda da razão primária de uma utopia sociopolítica cujos programadores se instala(ra)m no poder, como equacionara Sem Medo, na sua capacidade de “descobrir” verdades prematuras: Sem Medo “vaticinara” que os homens ficariam prisioneiros das estruturas que criariam (M:134). É que sendo a utopia a reflexão que visa a implantação de novos valores no poder, ela é a força dos vencidos que se instalam no poder, o que acaba por operar um afastamento irresolúvel entre a ordem existente e a sua matriz, a cidade idealizada pela imaginação utópica, fundamentalmente libertária. Esse novo lugar e a função a ele associada criam uma classe de burocratas numa estrutura social sob um igualitarismo de que resulta a ideia, paradoxal, de uma sociedade sem classes que os ideólogos do partido único (o MPLA, no caso) apregoavam. Esse paradoxo – a coexistência de dois contrários que se sustentam e se explicam – Sem Medo, o comandante da floresta do Mayombe, previra-o e, mais uma vez, A Geração da Utopia surge, também aqui, como a concretização dessa profecia.

Afinal, a utopia burocrata, isto é, aquela que se institui como programa burocrático, substitui a utopia político-social e essa função é um traço da distopia, uma consequência natural da “vitória dos vencidos”, pois “uma utopia no poder é uma contradição entre termos” (Bignotto, 1993, p. 72). Que o mesmo é dizer, na esteira de Karl Mannheim, que –

Somente existe verdadeira vida na utopia e na revolução, a ordem institucional nada mais sendo do que o resíduo maligno deixado pelas utopias e revoluções em declínio. Dessa forma, o caminho da história vai de uma topia, por uma utopia, até à topia seguinte, etc. (Mannheim, 1968, p. 221)

Bibliografia citada

ABENSOUR, Miguel, *O Novo Espírito Utópico*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.
 BENJAMIN, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Volume I*, São Paulo: Brasiliense, 1994.

- BIGNOTTO, Newton, "Sentidos da Utopia". Aparecida Andrés (Org.). Utopias: Sentidos, Minas, Margens, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993. p. 61-107.
- CORDIVIOLA, Alfredo, "Entre descontentamentos e promessas: América Latina e os discursos da utopia". Aleilton Fonseca & Ruben Alves Pereira (Org.), Rotas & Imagens: Literaturas e Outras Viagens, Feira de Santana: UEFS, 2000. p. 289-296.
- COELHO, Teixeira, O que é Utopia. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- COELHO, Eduardo Prado, "A utopia num mundo imperfeito". Jornal do Brasil, "Idéias/Ensaio". 19 de Agosto de 1990. p. 4-7.
- JAMESON, Fredric, Pós-Modernismo: a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- MANNHEIM, Karl, Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1968.
- MATA, Inocência, Ficção e História na Literatura Angolana: o Caso de Pepetela, Lisboa: Edições Colibri, 2010.
- MOISÉS, Massaud, A Análise Literária, São Paulo: Editora Cultrix, 2007.
- MORE, Thomas, Utopia. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- PEPETELA, Parábola do Cágado Velho, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1996.
- PEPETELA, A Geração da Utopia, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992.
- PEPETELA, Muana Puó (1969). Lisboa: Edições 70/Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1978.
- PEPETELA, Mayombe (1980). Luanda: União dos Escritores Angolanos, 3ª edição, 1985.
- PEPETELA, Yaka,(1984). Lisboa: Edições 70/Luanda, União dos Escritores Angolanos, 2ª edição, 1985.
- PEPETELA, O Cão e os Calús (1985). Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1988.
- PEPETELA, A Geração da Utopia. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.